
Português – QUESTÕES de 01 a 06

LEIA CUIDADOSAMENTE O ENUNCIADO DE CADA QUESTÃO, FORMULE SUAS RESPOSTAS COM OBJETIVIDADE E CORREÇÃO DE LINGUAGEM E, EM SEGUIDA, TRANSCREVA COMPLETAMENTE CADA UMA NA FOLHA DE RESPOSTAS.

INSTRUÇÕES:

- Responda às questões, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no espaço reservado junto das questões.
- Na Folha de Respostas, identifique a numeração das questões e utilize APENAS o espaço correspondente a cada uma.
- Será atribuída pontuação ZERO à questão cuja resposta
 - não se atenha à situação ou ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível.
- Será ANULADA a prova que
 - não seja respondida na respectiva Folha de Respostas;
 - esteja assinada fora do local apropriado;
 - possibilite a identificação do candidato.

Questão 01 (Valor: 20 pontos)

VISÃO 1944

[...]

Meus olhos são pequenos para ver
países mutilados como troncos,
proibidos de viver, mas em que a vida
lateja subterrânea e vingadora.

Meus olhos são pequenos para ver
as mãos que se hão de erguer, os gritos roucos,
os rios desatados, e os poderes
ilimitados mais que todo exército.

Meus olhos são pequenos para ver
toda essa força aguda e martelante,
a rebentar do chão e das vidraças,
ou do ar, das ruas cheias e dos becos.

Meus olhos são pequenos para ver
tudo que uma hora tem, quando madura,
tudo que cabe em ti, na tua palma,
ó povo! Que no mundo te dispersas.

Meus olhos são pequenos para ver
atrás da guerra, atrás de outras derrotas,
essa imagem calada, que se aviva,
que ganha em cor, em forma e profusão.

[...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Carlos Drummond de Andrade**: obra completa: poesia. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 200-201. (Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira).

Para que se compreenda bem um texto, é necessário perceber a época e as circunstâncias históricas em que foi enunciado e o lugar social do enunciador (sujeito poético).

Identifique esses elementos no texto apresentado e explique cada um deles, documentando sua resposta com trechos do poema.

Questão 02 (Valor: 15 pontos)

PROCURA DA POESIA

Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.

- 5 – As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro
são indiferentes.

- 10 – Nem me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.
O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das casas.

- 15 – Não é música ouvida de passagem; rumor do mar nas ruas junto à linha de espuma.

O canto não é a natureza
nem os homens em sociedade.
Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.
A poesia (não tires poesia das coisas)

- 20 – elide sujeito e objeto.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Carlos Drummond de Andrade**: obra completa: poesia. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 138-139. (Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira).

O verbo é uma importante marca lingüística do discurso, que expressa idéias imperativas, sugestivas, de certeza e de hipótese entre outras.

Indique **duas** dessas diferentes idéias expressas pelas formas verbais no poema de Drummond e justifique, com exemplos, a sua resposta.

Questão 03 (Valor: 15 pontos)

— Vida de garimpeiro é assim mesmo.

Corria os olhos em torno como se estivesse a medir a paisagem. Sabia como apalpar a terra, era como se bolinasse um corpo de mulher, sondar aqui e ali, calcular a pepita na areia de um riacho, descobrir o veio numa carcaça de pedras. Um serviço fixe, mas que

5 – dependia da sorte. E, por isso, sempre saía com os teréns que estimava. A pá, a enxada e a peneira de sacudir o cascalho. E, se peneirava, peneirava apenas quando dava na telha. E gostava de peneirar no estreito de um riacho do qual se dizia que tinha grãos escondidos. Via-se ainda o barreiro amontoado e faiscaidores, sem a menor dúvida, ali tinham remoído as águas.

10 – Mas, como cada um tem a sua sorte, houve por bondade de Deus que chegou à mão do garimpeiro a sua pedra. Antes da mão, chegou aos olhos. Debruçava-se com a pá, indo remover uma areiazinha escura quando os olhos se escancararam frente ao caroço. A comparação veio num segundo: do tamanho quase de uma azeitona. E, caindo a pá, a mão nervosa apanhou o achado. E, quando a abriu, já ele de pé, a fortuna na palma se mostrou.

15 – Sem pabulagem, era um caroço e tanto. Não gastara cera, pois, com defunto ruim.

Um dia inteiro, enquanto não vendeu a pedra, Jacobina só falou em Cícero Amaro. O homem estava rico porque contados, contados, seguraria aí uns trinta contos de réis. Que iria fazer, porém, com tantos bagaços? Perguntando, riu amarelo. E respondeu:

— Deus sabe.

20 – Vendeu a jóia ao Salviano, cometa de uma casa da Capital, depois de um acerta-acerta brabo. Fechado o negócio, logo o cometa engavetou o brilhante, com o dinheiro no bolso. Cícero Amaro tratou de fazer o que um homem sensato faria. Entrou no primeiro botequim que encontrou e, começando a gastar a prata, com os perus que logo apareceram, chupou algumas cervejas. Botoque nos cobres, já lambido pelo vinho, tornou-se pródigo.

25 – Os caraminguás pesavam no bolso e não seria com facilidade que se escafedessem. Grimpado de cima, com jeito de banqueiro, emprestou dinheiro. Depois, as pernas bambas e tonto o espírito, indagou com importância:

— Quanto devo?

ADONIAS FILHO, A pedra. In: **O largo da Palma**: novelas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. p. 96-97.

Um texto apresenta diferentes elementos de coesão. Usam-se, por exemplo, termos que retomam vocábulos que já apareceram antes, num processo de substituição, com alusão ao mesmo signo verbal, como acontece, nesse texto, com a palavra “pedra”.

Faça um levantamento de todas as ocorrências que evitam a repetição do signo “pedra”, transcreva as palavras que o substituem e explique o processo de acréscimo de novas informações e/ou avaliações acerca desse vocábulo.

Questão 04 (Valor: 15 pontos)

I. A sua concepção de governo não era o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia; era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se. Levada a coisa ao grande o portar-se mal era fazer-lhe oposição, ter opiniões contrárias às suas e o castigo não eram mais palmadas, sim, porém, prisão e morte. Não há dinheiro no Tesouro; ponham-se as notas recolhidas em circulação, assim como se faz em casa quando chegam visitas e a sopa é pouca: põe-se mais água.

[...]

Quaresma estava longe de pensar nisso tudo; ele com muitos homens honestos e sinceros do tempo, foram tomados pelo entusiasmo contagioso que Floriano conseguira despertar. Pensava na grande obra que o Destino reservava àquela figura plácida e triste; na reforma radical que ele ia levar ao organismo aniquilado da Pátria, que o major se habituara a crer a mais rica do mundo, embora, de uns tempos para cá, já tivesse dúvidas a certos respeitos.

Decerto, ele não negaria tais esperanças e a sua ação poderosa havia de se fazer sentir pelos oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil, levando-lhes estradas, segurança, proteção aos fracos, assegurando o trabalho e promovendo a riqueza.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1996. p. 147-148.

II. Que tinha acontecido a menina tão bem criada, tão mimada, tão bonita, parecendo quase branca de tanto trato? Ninguém sabia, existia até quem se benzesse e falasse no Demônio, pois somente o Inimigo arrastaria uma mulher a vida tão eriçada de lutas e percalços, difícilíssima até para um homem. Entretanto, Nego Leléu, ali sorrindo no caixão, sabia de tudo perfeitamente e, mesmo criança, nunca esqueceu que tinha sua neta e sempre se orgulhou dela, só que não podia sair por aí dizendo isso, pois até a ele não chegaram a ameaçar por causa dela, e não uma nem duas vezes?

E, coitadinha, como havia sofrido depois da morte da mãe! No dia em que ele matou os quatro brancos, ela dormiu até mais tarde, ele aproveitou para ficar no quarto, tirando o sono atrasado.

[...]

[...] Sunlisinho, sá menina, sunrilisinho, vai poder ser?

Mas ela não sorriu e comentou com seriedade que, se os homens morreram sem saber por que estavam morrendo, de pouco adiantara a vingança. Era preciso que aquilo tivesse sido um exemplo, não só para eles como para os outros. Leléu se assustou, quase ficou zangado com ela, perguntou se estava maluca, se tinha perdido de vez o juízo.

[...]

— Aqueles quatro não repetem mais! — gritou Leléu irritado. — Que negócio de justiça é esse, que besteira é essa, isso não existe, pode existir no estrangeiro, mas aqui não existe!

— Mas vai ter que existir.

— Mas vai ter que existir... Quem está falando, é a imperatriz? É a generala marechala? Vai criar juízo, menina, tu tá pensando que o céu é perto, mas o céu é longe! Só se tu se mudasse para uma dessas terras que dizem que existem, mas eu não acredito nem nisso, ainda mais tu sendo mulata, quer dizer, preta.

— Não. Vai ter que ser aqui, aqui é que é a minha terra.

— Aqui é que é a minha terra... Qual é tua terra, menina, a tua terra é os terreninhos que eu tenho e vou te deixar e olhe lá, porque mesmo assim, se tu não for esperta, tu acaba sem nada, tem sempre um para querer tomar.

— Não tou falando minha terra nesse sentido, tou falando que aqui é minha terra, nós somos o povo desta terra.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 324-325-326.

Considere esses fragmentos no contexto das obras a que pertencem e teça um comentário sobre o que diferencia o nacionalismo professado por Quaresma daquele adotado por Maria da Fé.

Questão 05 (Valor: 20 pontos)

I. Recebeu uma carta anônima. Comunicavam-lhe que Seixas a tinha abandonado por um dote de trinta contos de réis. Acabando de ler estas palavras levou a mão ao seio, para suster o coração que se lhe esvaía.

Nunca sentira dor como esta. Sofrera com resignação a indiferença, o desdém e o abandono; mas o rebaixamento do homem, a quem amava, era um suplício infindo, de que só podem fazer idéia os que já sentiram apagarem-se os lumes d' alma, ficando-lhes a inanidade.

Debalde Aurélia refugiou-se nos primeiros sonhos de seu amor. A degradação de Seixas repercutia no ideal que a menina criara em sua imaginação, e imprimia-lhe o estigma. Tudo ela perdoou a seu volúvel amante: menos o tornar-se indigno de seu amor.

ALENCAR, José de. **Senhora**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1993. p. 110.

II. As mulheres se colocaram de um lado, sentadas sobre esteiras, e os homens conversavam em grupos, afastados delas. Mas Matilde estava no meio de uma roda de oficiais mafulos, treinando o flamengo que aprendera com o pai, como nós todos. Fui observando esse grupo e logo distingui o que devia ser o tenente Jean du Plessis. Se todos comiam Matilde com os olhos, esse oficial estava mais derretido que os outros e ela o mirava de vez em quando de maneira especial. Jean du Plessis, se as minhas deduções não estivessem erradas, o que dificilmente sucede, era o mais baixo do grupo. Moreno, mas mais branco que os portugueses. Tinha barba negra pontiaguda e bigode de pontas reviradas, o que o distinguia dos outros, que tinham barbas ruivas ou loiras. Não sei porquê, essas coisas não se explicam, são só intuições, mas me pareceu alguém inofensivo, de fraco carácter, o que era estranho se tratando de um oficial, correndo atrás de aventura e de dinheiro nos mares dos trópicos.

PEPETELA. **A gloriosa família**: o tempo dos flamengos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 103.

Considerando o papel social da mulher na sociedade focalizada por cada uma das obras *Senhora* e *A Gloriosa Família* — das quais, respectivamente, foram extraídos os fragmentos apresentados —, compare as personagens Aurélia Camargo e Matilde Van Dum, indicando **dois traços** característicos que diferenciem as duas.

Questão 06 (Valor: 15 pontos)

I. A tolerância possibilita que eu mantenha relações cordiais com uma pessoa de quem, na verdade, discordo. A mesma tolerância possibilita que Zé Lins se exponha publicamente, acolhendo na sua casa um ex-presos político, apesar de não simpatizar com as suas idéias. A tolerância torna viável um relacionamento humano, onde as asperezas de temperamento e de situação individual não contam. Sobre a tolerância erguem-se as melhores amizades da idade madura, e é ela que deixa que se perdurem, na eternidade, as amizades (entre pessoas tão diferentes!) da infância.

SANTIAGO, Silvano. **Em liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 129.

II. O filme *Concorrência Desleal* — de Ettore Scola — retrata a Itália de 1938, em meio à Segunda Guerra Mundial, onde vivem dois comerciantes de roupas, Umberto e Leone, — um católico e outro judeu — que disputam pela melhor clientela. Essa situação é alterada quando um deles é perseguido pelo regime fascista.

No decorrer das ações, desenrola-se, entre esses personagens, o seguinte diálogo:

Umberto — O senhor se aproveita. Usurpa todas as minhas iniciativas. Me prejudica. Aquela placa é um roubo de clientes.

Leone — Não. O senhor é que me prejudica, antecipando a nova estação à data prevista pelo regulamento comercial. O senhor queria me ferrar.

Umberto — Não preciso prejudicar ninguém! Tenho minha clientela fiel!

Leone — Não é tão fiel, se basta uma placa para que mude de loja. Ou não?

Umberto — Aí está.

Leone — Aí está.

Umberto — O senhor foi avisado.

CONCORRÊNCIA desleal. Direção: Ettore Scola "Concorrenza Sleale". Roteiro: Scola e outros. Intérpretes: Gérard Depardieu; D. Abatantuono; S. Castellito e outros. 2004. Warner Bros. 1 DVD (117 min).

A partir da análise dos fragmentos apresentados, relacione o pensamento expresso pelo narrador Graciliano Ramos sobre a tolerância — fragmento **I** — com os personagens Umberto e Leone (um católico e outro judeu) do filme "Concorrência Desleal" — fragmento **II**.